

"Caldeirão de registos" para "contaminar" as pessoas com o gosto pelos espaços naturais

Lisboa, que é a maior porta de entrada em Portugal, foi eleita em 2020 a capital verde da Europa, mas quer partilhar com o resto do país a distinção.

17 Novembro, 2020 • 15:01

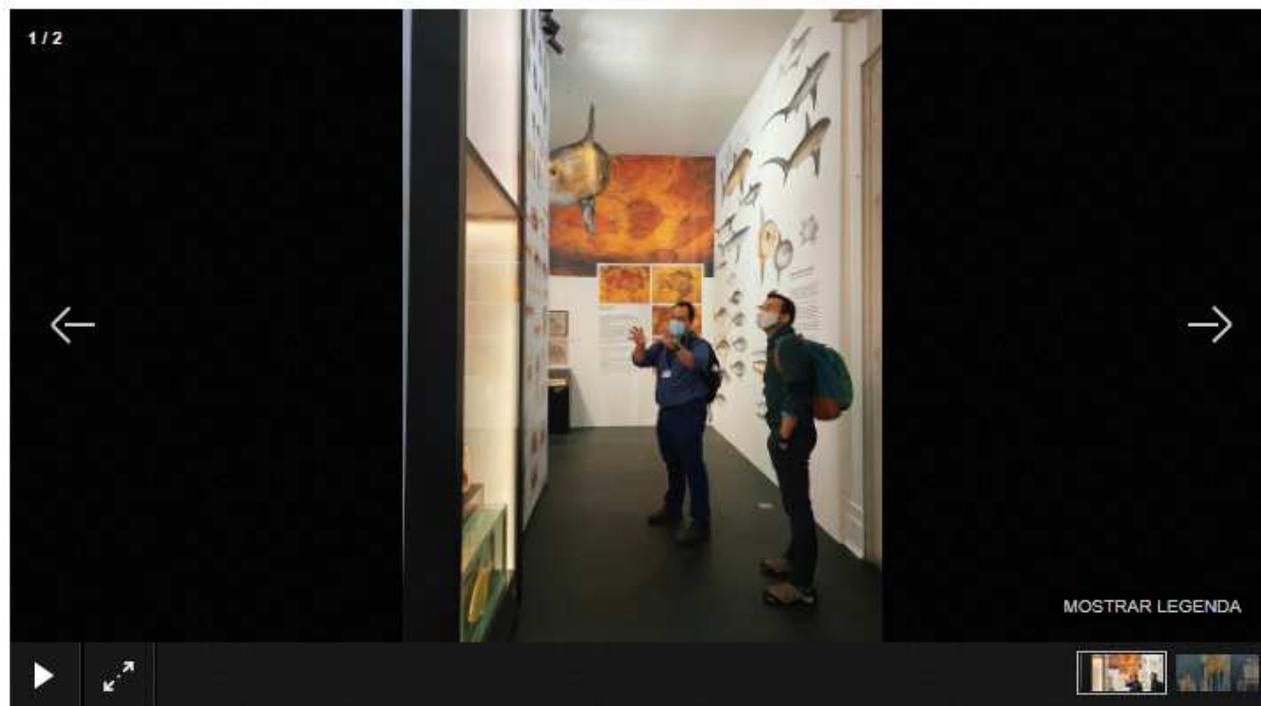


© Direitos Reservados

À entrada temos botas e sapatilhas de todos os elementos do Grupo do Risco. Uma pegada para "deixar bem claro, que procuramos uma imersão nos espaços naturais que visitamos, algumas delas paisagens protegidas, outras reservas da biosfera da UNESCO", explica Pedro Salgado, biólogo e ilustrador, e um dos elementos deste grupo, que agora tem uma exposição no rés-do-chão do Museu Nacional de História Natural, em Lisboa.

A primeira expedição foi às Berlengas, ainda sem a ideia de criar um grupo de trabalho que se prolongasse no tempo, como acabou por acontecer. "A ideia era a de sentir o trabalho de desenho no campo", acrescenta. As expedições decorrem, normalmente,

duas semanas e o nome que têm hoje é uma homenagem à Casa do Risco, do Real Jardim Botânico da Ajuda, fundada no século XVIII, onde se formaram e trabalharam os riscadores (ilustradores) de História Natural.



Luís Quinta contribui para o grupo com o seu trabalho de fotografia e vídeo. "Ao lado de um ilustrador temos registos e expressões diferentes, e para quem observa é interessante ver uma realidade fotográfica e ao lado ver uma ilustração linda, cheia de expressão e com uma luz, muito provavelmente, mais otimizada", refere. "Temos várias viagens em Portugal, em áreas classificadas, serra, rio, zonas de praia, territórios como o Brasil, Príncipe e Marrocos, onde existiu uma forte presença portuguesa", acrescenta.

Além da ilustração, também existem entrevistas de vídeo, utensílios trazidos das jornadas de trabalho e ainda material de desenho dos vários ilustradores-biólogos ou biólogos-ilustradores. No primeiro andar, patente até novembro de 2021, está uma outra exposição, a *Ilustrare*, inteiramente dedicada à ilustração científica. Vários séculos de ilustração reunidos em dezasseis módulos, passando por ilustrações realizadas nas ex-colónias portuguesas há mais de dois séculos, até àquilo que é a ilustração do século XXI e a passagem para a ilustração 3D. Encontramos ilustrações científicas em "livros infantis, livros escolares, como documentários específicos para ilustrar realidades difíceis de mostrar", conta o biólogo e ilustrador Nuno Farinha. Já com as técnicas digitais atingiu-se "a rapidez e a capacidade de respondermos mais rapidamente aos pedidos que nos foram feitos, e permitiram incluirmos a animação e o 3D", afirma Ana Bigio, também ela bióloga e ilustradora.



© Direitos Reservados

Estes investigadores, quando vão para estes espaços naturais, têm como principal desafio "parar o tempo". Querem "observar, contemplar e, através do desenho e da fotografia, encontrar aquilo que não encontraríamos se não estivéssemos imersos neste ambiente", conta Pedro Salgado. No seu conjunto, conseguem um "caldeirão de registos", que depois segue um alinhamento e uma narrativa, que "transporta emoções pessoais", longe de ser um trabalho sistematizado ou de documentário sobre determinado espaço natural. O objetivo é o de "contaminar as pessoas" pelo gosto que têm pelos espaços naturais.